

LYSSA
KAY
ADAMS

ite
ia de
inverno

À
TRÊS
CHANCES
PARA O
amor

CLUBE DO LIVRO DOS HOMENS





Clique aqui para assinar
nossa newsletter e receber
as novidades diretamente
em seu e-mail.

A Editora Arqueiro agradece a sua escolha.

Agora, você tem em mãos um dos nossos livros e pode ficar por dentro dos nossos lançamentos, ofertas, dicas de leitura e muito mais!

**TRÊS
CHANCES
PARA O
*amor***



O Arqueiro

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como O menino do dedo verde, de Maurice Druon, e Minha vida, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou Muitas vidas, muitos mestres, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu O Código Da Vinci antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratemplos da vida.





Título original: A Very Merry Bromance Copyright © 2022 por Lyssa Kay Adams

Copyright da tradução © 2023 por Editora Arqueiro Ltda.

Publicado mediante acordo com a Berkley, selo do Penguin Publishing Group, divisão da Penguin Random House LLC.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

tradução: Marcela Nalin Rossine

preparo de originais: Rayssa Galvão

revisão: Milena Vargas e Pedro Staite

diagramação: Abreu's System

capa: Jess Cruickshank

adaptação de capa: Ana Paula Daudt Brandão foto da autora: Lauren Perry | Perrywinkle Photography e-book: Pedro Wainstok

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

A176t

Adams, Lyssa Kay, 1974—

Três chances para o amor [recurso eletrônico] / Lyssa Kay Adams ; tradução Marcela Rossine. - 1. ed. - São Paulo : Arqueiro, 2023.

recurso digital (Clube do livro dos homens; 5) Tradução de: A very merry bromance

Sequência de: Absolutamente romântico

Formato: epub

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN: 978-65-5565-579-7 (recurso eletrônico) 1. Romance americano. 2. Livros eletrônicos. I. Rossine, Marcela. II. Título. III.

Série.



23-86144

CDD: 813

CDU: 82-31(73)

Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária - CRB-7/6439

Todos os direitos reservados, no Brasil, por Editora Arqueiro Ltda.

Rua Artur de Azevedo, 1767 - conjunto 177 – Pinheiros 05404-014 – São Paulo - SP

Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818

E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br

www.editoraarqueiro.com.br

Para Meika

Obrigada por me fazer desistir de tatuar um prato de purê de batata

SUMÁRIO

[A história de fundo](#)

Um

Dois

Três

Quatro

Cinco

Seis

Sete

Oito

Nove

Dez

Onze

Doze

Treze

Catorze

Quinze

Dezesseis

Dezessete

Dezoito

Dezenove

Vinte

[Vinte e um](#)

[Vinte e dois](#)

[Vinte e três](#)

[Vinte e quatro](#)

[Vinte e cinco](#)

[Vinte e seis](#)

[Vinte e sete](#)

[Vinte e oito](#)

[Vinte e nove](#)

[Trinta](#)

[Epílogo](#)

[Agradecimentos](#)

[Sobre a autora](#)

[Sobre a Sextante](#)

A HISTÓRIA DE FUNDO

Dezembro anterior

Era assim que Colton Wheeler gostava de acordar.

Nu, aquecido e colado ao corpo de uma mulher que o fizera perder a cabeça.

Seu smoking de padrinho se tornara um amontoado preto e branco no chão da suíte do hotel, embolado no vestido de seda verde arrancado em meio a uma enxurrada de beijos frenéticos, suspiros e súplicas desesperadas e impacientes.

Sempre ouvira falar de pessoas que conhecem a cara-metade em um casamento, mas esse era o tipo de coisa que acontecia com os outros. Afinal, ele era Colton Wheeler, astro premiado da música country. Mas, na noite anterior, depois do casamento de Braden Mack, um de seus melhores amigos, com o amor da vida dele, acabara caindo no feitiço da mulher mais improvável.

A ex do noivo. Não fazia sentido. Os dois juntos não faziam o menor sentido. Mas ela o beijou, e, mesmo que já tivesse sido beijado por muitas mulheres, quase sempre de surpresa, daquela vez tinha sido diferente.

Não restava dúvida.

Colton Wheeler estava fascinado por Gretchen Winthrop, senhoras e senhores.

Seria complicado, claro. Ela e Mack meio que namoraram uma época... Ficaram juntos por três meses antes de Mack conhecer a atual esposa. E sempre havia risco em namorar alguém do mesmo círculo social. Mas lá estava ele, velando o sono dela e escrevendo músicas na cabeça, a mente fervilhando com a promessa de que Isso pode dar em alguma coisa.

Em algum momento nas altas horas da madrugada, depois de terem caído em um sono exausto, o lençol escorregou do corpo de Gretchen, deixando-a nua diante de seus olhos. Colton encostou os lábios em seu ombro.

Quando ela respirou fundo, a mão dele preencheu a curva suave de seu abdômen. Ainda não conseguia acreditar no que havia escondido debaixo daquele vestidinho básico que ela usara na noite anterior.

Gretchen inspirou fundo mais uma vez e espreguiçou, esticando as pernas contra as dele. Estava acordando.

Colton deslizou o joelho entre os dela. Gretchen abriu espaço, acariciando sua canela com os dedos do pé direito.

Colton roçou a ponta do nariz em seu queixo.

– Bom dia.

Gretchen soltou um leve suspiro e se aninhou em seu peito. Então congelou. Arregalou os olhos.

– Que horas são?

– Hora perfeita para te acordar como se deve.

Colton se inclinou para beijá-la, mas encontrou apenas o vazio: Gretchen escapara feito um coelho fugindo de um predador.

Ele soltou uma risadinha e deu de ombros.

– Vai virar abóbora?

– Não acredito que peguei no sono e passei a noite aqui.

Não era a minha intenção.

– Bem, eu com certeza não tenho do que reclamar. –

Colton se sentou e estendeu a mão. – Na verdade, adoraria que você voltasse para a cama por mais algumas horas.

– Não posso, tenho que ir.

Ele se recostou na cabeceira, cruzando os braços atrás da cabeça, satisfeito em apenas contemplar o corpo nu da mulher que andava pelo quarto. Até perceber o que ela estava fazendo: procurando as roupas.

– Você vai mesmo embora?

Gretchen vasculhou o quarto todo até encontrar o vestido. Colton jogou as cobertas para o lado e se levantou.

– O que houve? – perguntou, estendendo a mão para ela novamente. – Por que tanta pressa? Temos muito tempo até o almoço, e...

Gretchen deu um salto, como se ele tivesse sugerido que saíssem do quarto pelados.

– Eu... eu não fui convidada. O almoço é só para os padrinhos.

– E eu sou um dos padrinhos, então posso levar quem eu quiser. – Colton enfim conseguiu encostar nela de novo.

As mãos roçaram de leve seus quadris por cima da seda verde. – E eu quero levar você.

– Não, eu não posso. Tenho muito trabalho para pôr em dia.

Bom, que alívio. Por um momento, Colton pensou que ela estivesse fugindo por não ter gostado dele.

– Então deixa eu te levar pra...

Gretchen ainda olhava de um lado para outro, à procura de Deus sabe o quê.

– Não precisa me dar carona, eu vim de carro.

Colton deu uma risadinha.

– Não, levar para um lugar longe daqui. Vamos passar uma semana fora, só conversando, se conhecendo e...

Ela riu baixinho, mas não dava para saber se era um riso de alegria ou sarcasmo.

– Claro. Para onde?

– Belize.

Gretchen finalmente olhou para ele.

– Belize?

– Já foi pra lá?

Ela riu de novo. Desta vez dele, sem sombra de dúvida.

– Não.

– Bem, pode acreditar: você vai adorar. – Colton observava-a procurando o sutiã. Lembrou-se do exato momento em que o tirou e o arremessou do outro lado do quarto. – Estou falando sério, Gretchen. Vamos dar uma escapadinha. Eu peço para o meu piloto preparar o avião, e podemos só ir...

O queixo dela caiu.

– Você está falando sério, né?

– Claro que sim.

– Não posso ir para Belize com você. – Gretchen achou a bolsa e enfiou o sutiã e a calcinha lá dentro.

Colton ficou bem na sua frente e a segurou pelos ombros.

– Espera aí. O que está acontecendo?

– Vou embora, estou cheia de coisas pra fazer hoje.

– Quando posso te ver de novo?

Ela piscou, hesitante.

Bem, aquilo era novidade.

– Eu posso te ver de novo, né?

Gretchen mordeu o lábio.

– Não sei se é uma boa ideia.

Ela desviou dele e voltou a vasculhar o chão. Soltou um ah ao avistar os sapatos. Então, curvou-se e enganchou os dedos nos slingbacks pretos sensuais que quase o fizeram ter um ataque cardíaco na noite anterior.

– Espera. Espera um pouco. Podemos começar de novo, por favor? Sinto que fiz alguma besteira, mas não tenho ideia do que seja.

– Você não fez besteira nenhuma. Sou eu. Não devia ter feito o que fiz. Sinto muito.

– Não devia ter feito o quê?

– Ter começado isso tudo. Não devia ter te beijado.

– Eu participei de boa vontade. Aliás, muito boa vontade. – Ele botou as mãos nos quadris e teve a dolorosa lembrança de que estava nu.

Gretchen parou a busca frenética e segurou suas coisas junto ao peito.

– Olha, sei que todo mundo ficou com pena de mim ontem à noite. Eu nunca tive nada sério com Mack, e na real fui ao casamento pela Liv, porque ficamos amigas, mas mesmo assim senti que todo mundo me olhava como se eu estivesse muito fragilizada, e sei que você só me chamou para dançar por causa disso...

Foi a vez de Colton rir.

– Você acha que te chamei para dançar por... pena?

– Talvez. – Ela deu de ombros.

– Eu te chamei para dançar porque você teve a mesma reação que eu quando a mãe da Liv quase caiu da cadeira.

Os lábios dela enfim se abriram em um sorriso.

Graças a Deus. Colton aproveitou que ela parou quieta para se aproximar devagarinho, baixando a voz à medida que chegava mais perto:

– E aí continuei te chamando para dançar e não saí mais do seu lado porque talvez você seja a mulher mais incrível que já conheci.

As bochechas de Gretchen coraram, e ele teve o mais delicioso flashback de quando viu o mesmo tom de rosa no rosto dela ao arquear as costas e sussurrar o nome dele.

Só que aquela expressão era bem diferente. Gretchen balançou a cabeça e colocou a mão quente no peito dele, logo acima de onde seu coração se preparava para um jogo de roleta-russa.

– Você não precisa fazer isso.

Mais que depressa, Colton cobriu a mão dela com a sua.

– Fazer o quê?

– Massagear meu ego. Já sou grandinha. Sei o que foi a noite passada.

– Incrível e o começo de algo que pode ser maravilhoso?

Concordo.

Ela corou ainda mais.

– Olha, eu também me diverti. Mas nós dois nunca daríamos certo.

– Demos bem certo ontem à noite.

Gretchen começou a se afastar.

– Mas hoje é outra história. Você é você, eu sou eu, e...

– E seríamos um “nós” bom demais.

Ela deu um leve sorriso.

– Parece até letra de alguma música sua.

– Gretchen... – insistiu ele, tentando tocá-la.

A mulher encarou a mão dele com desejo inconfundível.

Mas logo caiu em si e caminhou para a porta.

– Obrigada – disse, olhando por cima do ombro. – Por tudo.

Colton cruzou os braços.

– Você pode dizer qualquer coisa, menos isso. Não me agradeça.

Ela parou uma vez mais antes de girar a maçaneta.

– Posso contar com você para manter isso entre nós?

– Pode acreditar, minha boca é um túmulo.

Então, sem nem olhar para trás, ela foi embora.

Pela primeira vez na vida, Colton Wheeler era o segredinho obscuro de alguém.

UM

Um ano depois

Colton Wheeler levava uma vida sem muitas regras, mas obedecia à risca as poucas que seguia, e uma delas era: quando alguém pede para guardar um segredo, guarde a sete chaves. Por isso, a sensação de traição foi um tremendo soco no estômago quando percebeu que aqueles caras, logo eles, não cumpriram com a palavra. Seus supostos melhores amigos!

Ajustou a alça da bolsa no ombro com um puxão irritado.

– Vocês juraram que não contariam pra ninguém.

– Qual é, cara? – retrucou Gavin Scott, com o tapete de ioga enfiado debaixo do braço. Ele vestia uma camiseta de treino, deixando à mostra a linha no bíceps que separava o ombro branquelo do eterno bronzeado do campo. – Não é como se a gente tivesse contado para completos estranhos.

– Não importa quem seja. Eu prometi para ela que não abriria o bico.

– Não queríamos criar problemas – interveio Del Hicks. –

É sério.

– Achamos que você nem viria – acrescentou Gavin.

– Por que eu não viria?

– Por causa da reunião. Não é hoje?

Ah, claro. A Reunião. Gerara tanto burburinho que agora era precedida pelo A seguido de um R maiúsculo. A Reunião na qual ele descobriria se ainda tinha uma carreira. Mas os amigos não faziam ideia, só sabiam que ele teria uma reunião com a gravadora para discutir o próximo álbum depois de um hiato de dois anos sem gravar.

Agora era ele quem se sentia culpado, uma emoção que conhecera muito bem no ano anterior. Como podia esperar que aqueles caras respeitassem sua amizade enquanto os traía todo santo dia escondendo segredos deles?

Para uma estrela internacional da música, era difícil ter amizades verdadeiras. Ao longo dos anos, quanto mais famoso ficava, mais solitária a vida se tornava. Era difícil distinguir quem realmente queria estar por perto e quem só queria se gabar de estar associado a um superastro.

Mas aqueles caras eram de confiança. Os melhores amigos que já tivera... E haviam se conhecido da forma mais inusitada: por meio de livros românticos. Eles se autodenominavam “O Clube do Livro dos Homens” e liam romances para aprender a ver o mundo por uma perspectiva menos tóxica que a ensinada a todo homem heterossexual cisgênero. Braden Mack foi quem começou tudo e recrutou Colton, que estava tão cético quanto a maioria deles quando entraram para o clube. Mas Colton logo percebeu que aquilo ia muito além dos livros. Tinha a ver com camaradagem e fraternidade. Os livros ensinaram todos eles a serem homens melhores, parceiros melhores e amigos melhores uns para os outros.

– Tudo bem. – Colton soltou um suspiro. – Vou falar com...

– Sr. Wheeler, o que significa isso?

... ela.

Merda. Colton se virou, tenso, e deu de cara com uma das pessoas mais intimidantes que já conhecera: Peggy Porth. Diretora aposentada de escola fundamental. Estraga-

prazeres de carteirinha. Agora era instrutora no Silver Sneakers, um programa de aeróbica para idosos.

– Oi, Sra. Porth.

A voz de Colton saiu tão esganiçada como quando fora pego no quinto ano vendendo cartas de Pokémon pelo dobro do valor no intervalo das aulas. Em sua defesa, estava juntando dinheiro para comprar os presentes de Natal dos irmãos.

A Sra. Porth tinha apenas 1,60 metro e, ainda assim, conseguia olhá-lo de cima e fazê-lo se sentir minúsculo.

– Sr. Wheeler, será que preciso lembrar que concordei que o senhor e seus amigos frequentassem as aulas, mas só se fosse um grupo pequeno? Essa aula era para ser exclusiva para pessoas acima dos 50, mas o senhor me levou na conversinha. E agora vejo mais três parados na porta, esperando para entrar.

Os três em questão formavam uma rodinha tensa a poucos passos dali, lançando olhares furtivos, como se quisessem avaliar se estavam prestes a ser escorraçados por um segurança. Colton os conhecia, claro, mas não muito bem, e só porque jogavam com Gavin e Del no time profissional de beisebol do Nashville Legends, como Yan Feliciano. Vlad Konnikov era jogador da Liga Nacional de Hóquei, e Malcolm James, da Liga de Futebol Americano.

Seu círculo de amigos incluía vários atletas, e foi por isso que Colton lhes contou seu segredo, para começo de conversa. As aulas do Silver Sneakers eram o condicionamento físico mais eficaz que já tinha feito. Nunca estivera tão forte, flexível e em forma, e tudo começara por acaso. Colton achava que estava indo para a aula de abdominal, mas errou a sala, e, quando deu por si, suava por todos os poros tentando acompanhar as sessentonas que faziam a ginástica aeróbica parecer uma caminhada no parque. Passara dias dolorido, mas continuou vindo porque, nossa... e porque ninguém naquela sala dava a mínima para quem ele era.

Não curti muito ser bajulado só por ser Colton Wheeler.

Tinha sido uma das coisas que chamaram sua atenção em... Porra. Seu contador mental de dias sem pensar em Gretchen Winthrop acabara de zerar.

– A culpa é nossa, Sra. Porth – disse Gavin, a gagueira despontando com o medo daquela mulher. – Só convidamos nossos companheiros de time porque eles estão morrendo de inveja da nossa flexibilidade.

Para provar, ele soltou o tapete de ioga e lançou o corpo em um agachamento fundo que teria despachado Colton direto para o pronto-socorro.

– Viu? – grunhiu Gavin, a tensão do esforço evidente na voz. – Eu quase podia jogar na primeira base, se quisesse.

A Sra. Porth apertou os lábios.

– Se endireite, Sr. Scott. Está fazendo papel de bobo.

Del agarrou o cotovelo de Gavin e o ajudou a se levantar. A Sra. Porth soltou um suspiro e voltou a encarar os homens que esperavam à porta, apreensivos.

– Certo. Eles podem entrar. Mas que fique bem claro: se causarem algum incômodo...

– Não, não – interveio Gavin, mais que depressa. – Quer dizer, não vamos causar incômodo nenhum. Obrigado, Sra.

Porth.

Ele correu até a porta e deu a boa notícia aos rapazes.

Logo voltou conduzindo os companheiros de time, todos vestindo variantes do uniforme padrão de um atleta profissional: shorts de basquete, camiseta esportiva e uma bandagem elástica em cada parte do corpo que estivesse doendo. Assim que ajeitaram os tapetes de ioga e as bolsas, os três foram até Colton.

Um deles estendeu a mão.

– E aí, cara. Valeu por nos deixar participar. Jake Tamborn. Nos conhecemos na festa de aniversário do Gavin, ano passado.

– Eu lembro – disse Colton, aceitando o aperto de mão por educação.

Não estava muito contente com a presença deles ali, mas repetiu o gesto com os outros: Brad Eisenberg e Felix Pinas. Deviam ter uns 25 anos e mantinham a postura confiante de quem não fazia a menor ideia do que estava prestes a acontecer.

– Você avisou pra eles? – sussurrou Colton para Del quando os três se afastaram.

– Que estão prestes a levar uma surra? Avisei.

– Eles acreditaram?

– Não.

Colton sorriu pela primeira vez desde que chegara à academia.

– Isso vai ser engraçado.

A porta da sala de ginástica se abriu e Vlad entrou correndo, alvoroçado. Botou o tapete de ioga ao lado de Colton e enfiou um gorro de Papai Noel na cabeça.

– Como estou?

– Por incrível que pareça, bem. Por quê?

– Elena disse que tenho que me vestir de Papai Noel na festa de Natal para entregar os presentes para as crianças.

Dali a algumas semanas, Vlad e a esposa, Elena, dariam sua primeira festa de Natal. Vlad jamais teria tempo para algo assim durante a temporada de hóquei, mas ainda estava se recuperando da fratura na perna que sofrera nas eliminatórias da Copa Stanley do ano anterior. Então, quando os rapazes decidiram dar uma festa de fim de ano só da família do clube do livro, Vlad agarrou a chance de ser o anfitrião: poderia ser sua única oportunidade.

– Nunca fui Papai Noel – disse Vlad. – Não temos Papai Noel na Rússia.

– Não tem Papai Noel? – Gavin engasgou enquanto alongava os quadríceps e olhou para Vlad como se ele tivesse confessado que uivava para a lua na véspera do Natal.

Del deu um tapa na nuca de Gavin.

– Que saco, cara. Vê se sai dessa sua bolha americana uma vez na vida.

– Nós o chamamos de Vovô Gelo – explicou Vlad.

Gavin se sentou ereto, uniu a sola dos pés e começou a balançar as pernas em um alongamento borboleta.

– Ele é muito diferente do Papai Noel?

Vlad começou a se alongar enquanto explicava:

– Bem, ele também tem barba branca. Mas usa um manto comprido, não aquela roupa vermelha. E não tem renas, o trenó é puxado por três cavalos. E ele não está ligado só a presentes, também está relacionado a boas ações. Ele não gosta de pessoas más.

– Curti. Por que você não se veste de Vovô Gelo, então?

– sugeri Colton. – Não tem por que mudar suas tradições.

– Mas Elena disse que pode confundir as crianças e fazer com que duvidem da existência do Papai Noel.

Del deu de ombros.

– É só dizer que é amigo do Papai Noel e veio ajudar na distribuição dos presentes.

– Não sei – replicou Gavin. – Acho que prefiro ver o Vlad fantasiado de Papai Noel.

Uma expressão de pânico surgiu no rosto do russo.

– E se eu pisar na bola?

Colton deu um tapinha nas costas dele.

– Você vai se sair bem. Vamos ajudar você a se preparar. Só ensaie o “Ho, ho, ho!”.

A Sra. Porth bateu palmas para chamar atenção e foi para a frente da turma. Ao seu lado, estava uma mulher cerca de dez anos mais nova.

– Quem estiver começando hoje – anunciou, olhando direto para Jake, Felix e Brad – pode acompanhar a variação mais simples de todos os exercícios.

Como esperado, os três novatos soltaram uma risada desdenhosa. Afinal, atletas profissionais não teriam por que precisar de exercícios simples. Eles não faziam a menor ideia do que estava por vir.

Os rapazes formaram uma longa linha de um lado ao outro da sala. À sua frente, cerca de 35 outras alunas se posicionaram ao lado dos tapetes e garrafinhas de água.

Mais tarde, todos usariam um step para fazer os exercícios da parte da aula que realmente separava as mulheres dos homens.

– Muito bem, pessoal. Vamos começar de leve, alongando e aquecendo – anunciou a Sra. Porth. Nos alto-falantes, começou a tocar uma música calma e relaxante, do tipo que se ouviria em um spa. – Vamos soltar os braços, subindo e descendo os ombros... Isso mesmo. Agora, girem os ombros para a frente e para trás... Ótimo. Agora, vamos fazer um círculo com os braços.

Colton abriu bem os braços e esbarrou na mão de Felix, que se afastou alguns centímetros com um Foi mal silencioso, depois de Colton fuzilá-lo com o olhar.

– Ok, pessoal – continuou a Sra. Porth. – Agora, algumas posturas de ioga fáceis para despertar as pernas e prepará-las para a ação.

Colton seguiu as orientações, fazendo a postura da deusa e várias outras. Pouco depois, ergueu os olhos do tapete e se deparou com uma visão perturbadora.

– Irmão, tira esse “burro olhando para baixo” da minha cara.

– Não é “cachorro olhando para baixo”? – sussurrou Brad, a cabeça apontada para baixo aparecendo entre as pernas.

– Não quando é você quem está fazendo.

Brad andou para o lado feito um caranguejo.

– Ok, pessoal, ótimo trabalho – disse a Sra. Porth. –

Agora, peguem um step e coloquem logo à frente. Lembrem que cada um pode ajustar a altura para ficar mais confortável.

O step da Sra. Porth estava na altura máxima.

Um instante depois, Jake resmungou:

– Merda, vocês não me avisaram que seria tão difícil.

– E você esperava o quê? – Colton deu uma risada debochada. – Esta é a geração do jazzercise. Elas estão arrasando de collant desde os primórdios da MTV.

– Então, a que horas vai ser a reunião com a gravadora?

– grunhiu Noah.

– Às três.

– Está preocupado?

Colton olhou para o amigo, então desviou os olhos depressa. Será que suspeitavam de alguma coisa?

– Não. Por que estaria?

Noah deu de ombros.

– Não sei. Quer dizer... É que, desde que te conheço, você nunca teve uma reunião assim.

– É só uma formalidade – respondeu ele, adotando a atitude de não é nada de mais em que se tornara mestre aos 10 anos.

Ninguém queria vê-lo apreensivo. Nem bravo. Nem de qualquer outro jeito que se distanciasse de um playboy despreocupado que vendera milhões de discos no mundo inteiro.

Porque Colton Wheeler tinha um trabalho, e apenas um: fazer as pessoas felizes.

Mesmo que isso acabasse com ele.

DOIS

– Meritíssimo, posso me aproximar?

Gretchen Winthrop se esforçou para manter o tom neutro e esperou o juiz federal responder ao seu pedido. Por dentro, estava furiosa. A humilhação que seus clientes eram obrigados a suportar não tinha fim. O juiz assentiu e fez um gesto impaciente com a mão, como se dissesse “seja rápida”, e tanto ela quanto o promotor deixaram suas respectivas mesas. O juiz olhou para os dois do alto de sua tribuna, abafando com a mão o microfone que gravava a audiência de deportação do Tribunal de Imigração de Memphis.

– Meritíssimo, minha cliente está doente. Está com quase 39 graus de febre e mal consegue ficar sentada.

O juiz Wilford ergueu a sobrancelha e olhou para o assistente da promotoria dos Estados Unidos, Justin McQuistan.

– Parece que a Sra. Winthrop está correta. Por que a acusada está no tribunal, se está doente?

– Meritíssimo, é do meu entendimento que...

Gretchen interrompeu o promotor:

– Não se pode esperar que minha cliente contribua na própria audiência se não estiver bem de saúde. Solicito um recesso até que a Sra. Fuentes receba

os cuidados médicos adequados.

O juiz fez um gesto para que os advogados voltassem para suas mesas. Um instante depois, registrou nos autos:

– O tribunal concede o recesso solicitado pela defesa até que a ré receba tratamento médico adequado.

O juiz bateu o martelo, e Gretchen respirou normalmente pela primeira vez em mais de meia hora.

Sentou-se ao lado da cliente, Carla Fuentes, uma mulher de 56 anos que cruzara a fronteira sul com os pais quando tinha 17 anos. Seus pais já haviam sido deportados, e o tribunal recusara seu pedido de permanência, embora ela tivesse passado quase toda a vida nos Estados Unidos. Mas Carla tinha filhos. E netos. Um menino e uma menina, ambos com menos de 3 anos. Uma família americana que a amava e precisava dela.

Gretchen a cumprimentou com um aperto de mão.

– Vai dar tudo certo. Um recesso é bom. Vai dar para recuperar sua saúde, e vou arranjar roupas e sapatos mais apropriados para você.

Lágrimas escorreram pelas bochechas de Carla.

– Meus filhos...

– Vou entrar com um pedido de visita.

Apressados e indiferentes, os agentes a levaram pela porta lateral da sala de audiência, de volta ao centro de detenção onde tantas outras pessoas aguardavam suas sentenças. Pessoas que tinham vindo para os Estados Unidos por desespero e descobriram que a Terra da Liberdade não fazia jus aos próprios ideais. O meirinho anunciou o próximo caso enquanto Gretchen guardava os documentos na maleta. Quando saiu, outro advogado que aguardava outro cliente tomou seu lugar. Um ciclo infinito de crueldade que separava pais de filhos, esposas de maridos, amigos uns dos outros... E por quê? Porque não deram sorte na loteria geográfica quando nasceram?

Porque queriam uma vida melhor para seus entes queridos? Porque estavam desesperados demais para esperar a longuíssima fila para entrar legalmente nos Estados Unidos enquanto viam celebridades, atletas e supermodelos passarem na frente?

Gretchen parou do lado de fora da sala de audiência e se recostou na parede, deixando a maleta abarrotada cair a seus pés. Fechou os olhos e inspirou fundo. Atuava como advogada de imigração havia quase dez anos, e aquele trabalho nunca ficava mais fácil. Pelo contrário, estava cada vez mais difícil. Quando começou, tinha a vantagem do idealismo, a ingênua esperança de que poderia fazer a diferença. Agora, sabia que o buraco era mais embaixo. A única coisa que nunca mudava era o esforço de certos americanos para erguer um muro isolando os mais vulneráveis, que só queriam a chance de uma vida melhor.

Às vezes, Gretchen se questionava se estaria de fato fazendo algum bem ou se não seria melhor usar sua experiência e seu conhecimento para pressionar o governo por leis melhores. Mas quem queria enganar? Jamais sairia de Nashville, e os motivos não tinham nada a ver com sua carreira.

Gretchen se afastou da parede e seguiu em direção ao saguão do tribunal. Seriam três horas de estrada para voltar a Nashville, onde morava e mantinha sua firma de advocacia. O tribunal de imigração federal em Memphis era o único em todo o estado do Tennessee – mais uma dificuldade para seus clientes em processo de deportação, que mal podiam contar com transporte seguro para o trabalho, que dirá para atravessar o estado. Acenando para os seguranças, ela empurrou a grossa porta de vidro e se preparou para enfrentar a rajada de vento invernal. As pessoas do norte riam quando sulistas como ela reclamavam de frio, mas Gretchen era uma verdadeira garota do Tennessee. Qualquer temperatura abaixo de dez graus era um crime.

Enquanto dirigia, gravava lembretes de voz no celular sobre os próximos passos no caso de Carla, e só parou quando chegou à via que a levaria de volta ao escritório.

Dezembro vomitara o espírito natalino pelas ruas e prédios da cidade. Guirlandas enormes pendiam dos postes de luz,

os laços vermelhos balançando, frenéticos, ao vento. Se abrisse a janela, o aroma de noz-pecã torrada da feira natalina mais próxima suavizaria o cheiro úmido do rio.

Barricadas laranja bloqueavam o trânsito de ruas inteiras, direcionando os turistas que iam à cidade para visitar a decoração anual de Natal de Cumberland, onde mais de um milhão de luzes enfeitavam a famosa passarela sobre o rio que ligava os parques de cada lado.

Poucas cidades celebravam o Natal com tanta grandiosidade quanto Nashville.

Poucas pessoas detestavam isso tanto quanto Gretchen.

Era esse o motivo de seu escritório ser o único no quarteirão sem guirlanda na porta ou pisca-pisca enfeitando a fachada. Ela estabeleceu uma política de “não decoração”

na firma, que ficava no térreo de um prédio de três andares na zona leste da cidade, em um bairro eclético de lojas independentes, restaurantes pitorescos e construções históricas de tijolinho aparente. Nos dez anos desde que Gretchen abrisse seu escritório, o bairro passara por um processo de revitalização que beirava a gentrificação, mas ela não podia se dar ao luxo de acompanhar tais tendências. Imigração era uma questão civil, não criminal, o que significava que os acusados não tinham direito a um defensor público. A maioria dos que enfrentavam um processo de deportação nunca procurava um advogado, e os que procuravam raramente tinham dinheiro para arcar com os custos. Quase todos os casos de Gretchen eram pro bono, então ela não podia se permitir a extravagância de um escritório chique. Por sorte, sua amiga Alexis tinha uma cafeteria na mesma rua, então almoços rápidos e doses de cafeína estavam a apenas um quarteirão de distância.

Gretchen parou o carro no pequeno estacionamento atrás do prédio, pegou suas coisas e entrou pela porta dos fundos. Addison, sua assistente, deu um pulo quando a viu no corredor que levava até a recepção.

– Está um gelo aqui dentro. Será que não podíamos ligar o aquecimento, por favor?

– Só na semana que vem. Vista um casaco.

– Já estou de casaco – resmungou Addison, pegando o sobretudo de Gretchen para pendurar. – E ele telefonou de novo.

Gretchen deixou a maleta no chão.

– Quem?

Addison lhe entregou um punhado de post-its cor-de-rosa.

– Você sabe quem.

O suspiro que escapou dos lábios de Gretchen poderia ter movido um barquinho de papel. Seu amigo e colega do curso de direito, Jorge Alvarez, vinha ligando havia seis semanas pedindo que ela considerasse fazer parte de sua ONG de assistência a refugiados como advogada permanente.

– Falei que você já tem o número de contato, mas ele insistiu para que eu anotasse de novo. Só por precaução.

A essa altura, Gretchen já sabia o número de cor. Pegou a maleta do chão e a pendurou no ombro.

– Amanhã eu ligo para ele.

– É só ligar agora e acabar logo com isso – retrucou Addison, seguindo Gretchen pelo curto corredor até sua sala. – Por que é tão difícil dizer que não está interessada no trabalho?

Gretchen respondeu com sinceridade ao acender a luz:

– Não sei.

– Talvez porque, no fundo, você esteja interessada.

Gretchen olhou feio para Addison, que estava parada à porta.

– Tenho clientes que precisam de mim aqui.

– Isso é uma negação indireta. – Addison lançou um olhar sabido para a chefe.

– Não estou procurando outra coisa – disse Gretchen, sentando-se em sua cadeira de escritório arcaica.

– Está, sim. O problema é que você ainda não sabe bem o quê. – Dito isso, Addison deu meia-volta e saiu com toda a pompa de uma promotora que acabou com o acusado no banco dos réus.

– Ei! – chamou Gretchen. – O que você quer dizer com isso?

– Não posso responder. Era para ser enigmático.

– É besteira, isso sim.

– Mas é uma bela de uma besteira – replicou Addison. –

Porque é verdade.

– Verdade nada. Estou perfeitamente feliz aqui. Adoro minha firma. Adoro meu trabalho. Adoro minha vida.

– Quem você está tentando convencer?

Um dos assistentes de defesa da firma, um estagiário chamado Joey, entrou na sala.

– Sabe, quando você disse que trabalhar aqui seria como entrar para uma família, não imaginei que isso significava ter que ouvir esse tipo de bate-boca.

– Cala a boca – resmungou Gretchen, baixinho.

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Três Chances Para O Amor" e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).